

Cheryl Holt

# ENTREGA TOTAL

Tradução  
Maria Emília Ferros Moura

*Quinta Essência\**

# 1

BEDFORD, INGLATERRA, 1812...

– Oh, meu Deus! – murmurou Lady Sarah Compton em voz alta, ao mesmo tempo que se endireitava e espreitava pela janela. – Não sabia que coisas destas se passavam no campo! – A sua voz ressoou no quarto vazio e elegantemente mobilado que lhe tinham destinado.

Lá em baixo, os terrenos apresentavam-se impecavelmente cuidados, com caminhos talhados em linhas simétricas por entre os arbustos. A luz trémula de tochas iluminava os pares que passeavam, desfrutando da noite de verão. Ao fundo do jardim, um deles parou e trocou um beijo demorado. Os lábios fundiram-se, os braços entrelaçaram-se com força e o abraço prolongou-se enquanto Sarah continuava a observar, envergonhada mas incapaz de desviar o olhar.

O homem enfiou os dedos por dentro do corpete do vestido da mulher, acariciando-lhe ternamente os seios voluptuosos e, por qualquer razão, os próprios seios de Sarah avolumaram-se em resposta. Os mamilos endureceram e alongaram-se, roçando o corpete incomodativamente, tornando-a consciente do corpo de uma forma que até então desconhecera. Nervosa devido

àquelas estranhas sensações, mexeu-se no banco junto da janela onde se sentara, mas não conseguiu sentir-se confortável.

Por fim, o homem baixou as mãos até ao traseiro da mulher, apertando-a mais e massajando-lhe as nádegas e Sarah inclinou-se para a frente, intrigada e surpreendida com aquela cena ousada, até que, gradualmente, o duo avançou na direção das sombras onde não poderia observá-lo.

Erguendo as pontas dos dedos, conservou-as junto ao vidro, traçando círculos deliberados, de olhos fixos no sítio onde o par estivera. Pareciam tão compatíveis, como se pertencessem inequivocamente um ao outro, e a exibição provocou-lhe uma ânsia insuportável de um relacionamento semelhante com outra pessoa.

O seu quarto era alegre e agradável, decorado com tapetes azul-claros, papel de parede e reposteiros. O mobiliário era prático, a cama grande e macia, as cadeiras forradas e apropriadas a uma sesta em frente da pequena lareira, mas ficava no terceiro andar numa ala isolada da mansão, o que significava que não havia vozes de convidados ou passos de criados no corredor.

Embora fosse o começo de junho, a noite estava fria e uma das criadas acendera a lareira. A madeira seca estalava e chiava, criando o único som no quarto silencioso, e Sarah sentiu-se totalmente excluída, como se fosse a única pessoa ao cimo da terra, tão desligada de tudo que poderia estar sentada na Lua.

O céu de crepúsculo exibia um azul-índigo a passar a negro e uma única estrela brilhava no horizonte. Como se fosse uma juvenzinha parva, quase formulou um desejo, mas conteve-se antes de mergulhar no voo absurdo da fantasia.

Os desejos eram para os tontos.

Mesmo que ainda acreditasse em tal idiotice, o que poderia pedir? Um destino diferente? A bênção de uma fortuna? Um marido rico? Que ridículo! Como se fosse pessoa para casar sob o impulso do momento apenas para salvar o seu irmão, Hugh, do seu presente fracasso.

– O que estou a fazer aqui? – interrogou-se em voz alta, mas não obteve resposta.

Uma sensação de isolamento e desorientação manifestou-se, o que era invulgar em si. Por norma, Sarah apreciava a solidão e preferia a sua própria companhia à tagarelice dos outros. Contudo, nesse momento, viu-se a desejar...

Não sabia bem do que se tratava. Uma nuvem enorme de insatisfação pairava sobre a sua cabeça e à sua volta e não conseguia dissipá-la. Nada lhe interessava e, aparentemente, não havia um remédio apropriado para o seu mal. Dado não ter certezas absolutas sobre o que a afligia, não poderia engendrar uma cura.

Até pouco tempo antes, sempre soubera o caminho a seguir.

A sua vida isolada no campo, a administração da propriedade de Yorkshire pertencente à família haviam sido decisões fáceis e de resultados gratificantes. Porém, nesse momento, o descontentamento tomara as rédeas da situação.

Talvez a sua inquietação se devesse à idade avançada. Aos vinte e cinco anos, tinha o direito de avaliar o seu percurso de vida, de rever os desvios por que optara devido ao seu reconhecimento inabalável do dever e da responsabilidade. Os homens da sua família nunca haviam mostrado predileção por preservar o antigo título ou a propriedade Scarborough e, por conseguinte, ela lidava com um fardo pesado.

Nesse processo, abdicara de ter o seu próprio lar e filhos. Embora no passado nunca tivesse pensado que os queria, nem se sentisse obcecada com a sua falta, recentemente, as oportunidades perdidas pesavam muito.

Deveria ter casado há todos aqueles anos antes?

Vivera, de facto, uma época em Londres, mas, nessa altura, tinha dezasseis anos e era deselegante e socialmente inapta. Fora ridicularizada, troçada, atormentada e o alvo de mais do que alguns gracejos cruéis. As raparigas tinham abanado os leques ao deparar com a sua autenticidade e falta de sofisticação.

Os rapazes havia trocado sorrisinhos sobre os seus seios demasiado pequenos, o cabelo ruivo, a relutância em ocultar a inteligência.

Tinha fugido da cidade, jurando nunca mais voltar. Apesar dos subseqüentes ultimatos e exigências do pai, da insistência para que ela casasse e reforçasse as finanças debilitadas da família, Sarah rejeitara as suas tentativas de uni-la a qualquer dos cruéis imbecis da aristocracia que a tinham menosprezado. Na qualidade de solteirona assumida, tinha passado os anos seguintes a desabrochar na propriedade de Yorkshire de que tanto gostava.

Desde esses dias, havia florescido e amadurecido e poderia ter escolhido outro caminho para si. Se o tivesse feito, a sua vida seria tão diferente. Teria sido admirada, acarinhada e respeitada, a mulher de um nobre, uma mãe. Em vez disso, permanecera solteira, uma espécie de ama desgastada para o pai e para o meio-irmão – dois adultos que mostravam pouca tendência a crescer e necessitavam, por conseguinte, de permanentes cuidados maternos.

De alguma forma, sucumbira a uma existência insuportável e não poderia tolerar o fardo insustentável que lhe havia sido posto aos ombros pelos que supostamente deveria amar.

Enquanto o pai fora vivo, não lhe parecera tão difícil. Ele tinha sido um homem generoso, cheio de boas intenções, mas a sua avaliação era constantemente prejudicada por más escolhas. Os seus fracassos tinham-no deixado habitualmente perplexo quanto à imensidade das catástrofes que provocara, mas, com a sua morte, Hugh assumira o título de conde de Scarborough, passara a jogar e fazia-o como se um comportamento decadente fosse um direito predeterminado.

Contrastando em absoluto com o seu falecido pai, Hugh nunca evidenciou afeto pela propriedade ou pelas pessoas que dependiam da prosperidade da mesma para sobreviverem e mostrava-se ainda mais apático agora que a sua personalidade

tinha piorado. A bebida e a vida a toda a brida haviam provocado uma estranha mudança de humores e podia ser cruel, propenso a explosões de violência e conduta imprudente.

O seu mais recente erro de jogo constituía um exemplo perfeito do seu deslize para a perdição e Sarah não conseguia retirar da cabeça a conversa horrível, quando tinham discutido a perda e o homem desconhecido que a originara. As palavras atropelavam-se-lhe na cabeça como um mau refrão, flagelando-a com a prova do estado lastimável dos seus negócios.

– Perdeste ao fardo?<sup>1</sup> – inquirira, como se a causa da ruína fosse importante.

– Não.

– Mas foi num jogo de cartas.

– Uns jogos de azar, nada mais.

– Percebo. Quanto perdeste?

– Tudo o que resta.

– Define tudo.

– Tudo o que não estiver vinculado ao título.

– Os móveis?

– Sim.

– O que resta do equipamento agrícola?

– Sim.

– As roupas que trago no corpo?

– Talvez. Não sei até que ponto ele fará uso dos bens pessoais da família.

– E quanto a mim? – sondara ela de uma forma incisiva.

– Também me apostaste?

– Não lhe servirias para nada – respondera Hugh friamente.

– Ele prefere as mulheres femininas.

---

<sup>1</sup> Faro – Jogo de cartas de origem francesa, disputado entre um banqueiro e vários jogadores, que ganhavam ou perdiam consoante as cartas que apareciam combinavam ou não com as que estavam expostas (uma espécie da actual banca francesa). (*N. da T.*)

O golpe tinha sido duro, alvejando as suas velhas inseguranças e ainda lhe doía pensar que ele o aplicara, mas Hugh era assim: impetuoso, brusco e cáustico.

O que ela não daria para o estrangular! Como se não bastasse ter apostado os últimos bens, o facto de haver perdido igualmente vinte mil libras – dinheiro que não tinham, nem nunca teriam – ultrapassava os limites da imprudência.

Quando a visitara no Natal, Sarah dera-lhe as últimas trezentas libras do seu dote e avisara-o de que não havia mais. Hugh não só a ignorara, como prosseguira o seu comportamento corrupto e, embora o malvado de posse das promissórias lhe tivesse concedido três meses para pagar, não havia forma de poderem reunir essa quantia de dinheiro.

A solução de Hugh residia obviamente em que ela o salvasse, mais uma vez, casando com um marido rico o mais depressa possível. A ideia era absurda e, no entanto, concordara em tentar, apenas porque detestava estar em desacordo com ele, mas sentia-se profundamente cansada de satisfazer as suas necessidades, de se adaptar à sua degradação moral, economizando e poupando, sem nunca ter o suficiente.

Como odiava ser pobre!

Talvez fosse essa a verdadeira razão por que decidira ir fazer uma visita e tinha viajado até Bedford para assistir à festa de Lady Carrington, pois seguramente não o fizera para arranjar um marido, como Hugh insistira que deveria.

A pobreza excessiva e implacável era tão triste. Não merecia um pouco de diversão? Não ganhara o direito a um pouco de futilidade e alegria?

Existia tão pouca felicidade nos seus dias, nem um pouco de distração, refeições agradáveis ou tardes de lazer gastas em atividades caprichosas. Só havia lugar para apreensão, desânimo e tristeza e nesse momento – devido à última confusão armada por Hugh – também para o desespero, mas ela sempre havia esperado o pior e, por conseguinte, o final foi inesperado.

Pela primeira vez, não se sentia inclinada a salvar Hugh. Livrara-o de catástrofes sucessivas, até ele ter começado erradamente a pensar que ela poderia solucionar qualquer problema e achava, sem dúvida, que naquele momento ela estava preparada para operar mais um milagre. Infelizmente, a sua paciência esgotara-se e a sua resistência para enfrentar mais uma calamidade tinha desaparecido.

Tivera meses para se preparar para a sórdida conclusão que estava iminente: sentira-a até à medula dos ossos. Ao longo de todo o inverno e da primavera, passara o tempo a olhar por cima do ombro, como se a tragédia estivesse escondida, pronta a atacá-la quando menos o esperasse. Porém, o seu destino chegara discretamente sob a forma de um jogador anónimo e sem rosto.

Quem era o homem suficientemente temerário para apostar nos miseráveis bens de Hugh? Nem os candelabros de parede escapariam. Que pulha miserável! Quem a desejaria? Quem seria ganancioso a esse ponto?

O patife era claramente mais viciado no jogo do que Hugh. Que tristeza de homem devia ser!

Soou uma pancada na porta e Sarah levantou-se devagar e caminhou arrastando os pés para dar entrada a uma criada e a quatro homens robustos que transportaram grandes jarros de água quente até à banheira que a aguardava na divisão ao lado. Enquanto eles cumpriam a tarefa, Sarah descontraíu-se numa cadeira junto à lareira, de olhos fechados mas ouvidos atentos, escutando ansiosamente à medida que a água esguichava para o interior e enchia a bacia.

Um banho a sério! A criada fizera a sugestão e Sarah aceitara egoistamente esse luxo. Em casa, já não tomava um banho completo. Restavam apenas alguns criados idosos e nunca tinha coragem para os obrigar a transportar a pesada carga até ao andar superior.

A sua higiene pessoal era feita na cozinha depois do jantar, umas esfregadelas rápidas pelo corpo com um pano. Como lhe

parecia exótica a oportunidade de mergulhar na água! A emoção que sentia ao pensar nisso apenas ressaltava o nível miserável a que a sua sorte descera.

Os homens – com os baldes vazios – foram-se embora e, depois de a criada lhe ter desapertado o vestido e o corpete, Sarah mandou a mulher embora. Desejava apreciar aquela extravagância demoradamente e em privado.

Desfez-se com simplicidade do vestido e da maior parte da roupa interior. Envoltas apenas numa combinação que lhe chegava a meio da coxa, dirigiu-se à divisão interior, que era pequena e confortável. Uma braseira em miniatura, os carvões acesos e brilhantes, aqueciam o ar. Um biombo pintado estava encostado a uma parede e ocultava a banheira por trás dele.

Sarah aproximou-se. O vapor subia e ela balançou os dedos, verificando a temperatura da água. Num toucador a curta distância havia uma pilha de toalhas, sabonetes e outros acessórios de banho. Abriu os frascos e cheirou os conteúdos, acabando por encontrar um óleo de essência de rosa que adicionou à mistura fumegante.

Pronta para começar, quase entrou dentro de água, mas fez uma pausa. Um capricho repentino de ser ousada e atrevida apoderou-se dela e, pegando na orla da combinação, tirou-a pela cabeça.

Tomaria banho nua! Nunca o fizera antes, mas quem ia sabê-lo? A criada tinha sido dispensada e ela estava longe de casa, entregue a si própria. Com a devida cautela, poderia optar por qualquer comportamento escandaloso sem que a descobrissem.

Sentindo-se travessa e atrevida, girou sobre si própria e contemplou a imagem num espelho colocado junto à banheira. Percebeu, extasiada, que não se lembrava de quando examinara o seu torso nu.

Como se fizesse o inventário de uma estranha, caminhou nos bicos dos pés de um lado para o outro, procurando atributos

e verificando defeitos. Por fim, decidiu que contemplava uma mulher atraente, elegante, curvilínea, com uns bonitos olhos cor de esmeralda e uma esplendorosa cabeleira ruiva. O corpo denotava as formas apropriadas – amplo nos ombros, estreito na cintura, largo nas ancas – e as pernas esguias faziam com que parecesse mais alta do que era realmente.

Mudou de posição e apreciou o perfil, mas a postura ressaltou os seios de uma forma tão atraente quanto perturbadora. Não conseguia deixar de se olhar e invadiu-a o pensamento desconfortável de que era esse o motivo porque ninguém se pavoneava despido. O facto provocava demasiadas sensações inquietantes e invulgares.

Sob a sua inspeção visual, os seios tornaram-se mais cheios, mais pesados, e os mamilos rosados transformaram-se em dois botõezinhos duros – como quando espiara os dois amantes no jardim. Curiosa, encostou a palma da mão a um dos bicos alongados e o gesto provocou uma onda de agitação física.

Os mamilos começaram a doer-lhe e a latejar. Cada batida do coração repercutia-se-lhe no peito. Descia pelo abdómen e alojava-se no mais fundo do seu ventre, fazendo-o mexer e despertar. A gruta da mulher entre as pernas parecia expandir-se e humedecer.

De súbito, foi inundada por uma onda de desejo tão intensa que quase desmaiou sob a sua força e agarrou-se à borda da banheira para se firmar. A sensação era difícil de descrever. Ansiava... embora não soubesse explicar o quê.

Estranhamente, voltou a imaginar o casal no jardim e observou o seu macio e desnudo flanco, recordando a forma como o homem acariciara as nádegas da mulher, como a atraíra com mais firmeza. Lembrou-se de que o par deslizara para a escuridão e especulou sobre o que acontecera quando estavam numa zona mais distante. Que coisas misteriosas tinha o homem feito à mulher?

A sequência encontrava-se fora do alcance de uma solteirona virgem, mas não conseguiu deixar de se interrogar. Aparente-

mente, a sua imaginação era bastante realista, pois as imagens mentais aumentaram a percepção dolorosa dos seios.

– Que loucura! – murmurou. A loucura de estar sozinha, retirada para a noite, e a ruminar sobre possibilidades lascivas.

Desgostosa consigo, afastou as mãos com que explorava o corpo e fixou-as nas bordas da banheira onde não causariam problemas.

Mergulhou cuidadosamente e soltou um suspiro quando se ajoelhou e o líquido fumegante lhe embateu nas coxas. Pôs-se a esfregar as várias partes do corpo, mas uma grande parte do prazer que tinha esperado sentir havia desaparecido. Todos os locais em que tocava reagiam. O toque duro do pano magoava-lhe a carne sensível e, por conseguinte, desistiu, deslizando mais para dentro da banheira e reclinando-se o mais que podia.

Esforçando-se por descontrair, equilibrou-se nos braços e inclinou a cabeça para trás, saboreando o calor. A dado momento, o cansaço levou a melhor e adormeceu. Quando voltou a abrir os olhos, tinha dormido um bom bocado. A água arrefecera e levantou-se, deixando que lhe escorregasse do corpo, após o que saiu para o tapete e agarrou numa das toalhas.

Começou pelo pescoço e ocupou-se em seguida dos seios e do estômago. Depois, passou o tecido ao de leve pela delicada fenda entre as pernas, mas ignorou a estimulação provocada e inclinou-se para esfregar a coxa e a barriga da perna. Quando se endireitou, apercebeu-se de um movimento e olhou para o espelho.

Um homem encontrava-se atrás dela, perfeitamente à vontade e observando tudo! A visão foi tão surpreendente que ficou temporariamente paralisada, incapaz de assimilar o que testemunhava. O aparecimento dele parecia um sonho e estreitou os olhos ante o reflexo, esforçando-se por dar um sentido àquela bizarra evolução.

Não era uma ilusão. Ele estava mesmo ali em carne e osso.

Alto, com cabelos negros aparados e uns belos olhos cor de safira, era um homem atraente – talvez o mais arrebatador que vira. Tinha maçãs do rosto salientes, um nariz de aristocrata, uma boca sensual. Os ombros largos atenuavam-se na cintura estreita, ancas esguias, pernas longas e coxas firmes e musculosas.

Vestia somente um par de calças, sem camisa nem sapatos, e Sarah sentiu-se excitada pela conclusão absurda de que nunca tinha visto um homem em tronco nu. Apresentava-se coberto por uma intrigante penugem de pelos escuros, espessos no cimo e tornando-se gradualmente uma linha fina sobre o ventre liso que desaparecia no cóis das calças. Os dois primeiros botões estavam desapertados, permitindo-lhe ver mais do que deveria e o espetáculo era perturbador e excitante de uma forma que não compreendia.

– Encantadora... – murmurou ele com uma atraente voz de barítono que se repercutiu nas suas extremidades nervosas e lhe provocou um aperto no ventre.

O estranho comentário despertou-a e virou-se para o encarar. Agarrou nervosamente a toalha, tentando proteger-se a todo o custo, mas a sua minuciosa observação inundou-a como uma carícia tangível, pairando nos seus lábios, nos seios, na junção entre as coxas.

– Como entrou aqui? – inquiriu num tom de censura, esforçando-se por parecer inflexível e assertiva, mas o tremor da voz denunciou a sua inquietação.

– Pela porta.

O homem fez um gesto e ela reparou num outro biombo e numa porta atrás dele, que ligava o seu quarto ao quarto contíguo.

O homem avançou um passo e ela recuou outro.

– Não é bem-vindo. Vá-se embora imediatamente!

– Tem a certeza de que quer que vá?

– Absoluta.